



EDUCAÇÃO BILÍNGUE, CULTURA SURDA, DIVERSIDADE E DIFERENÇAS: um diálogo à interculturalidade

Isadora Cristinny Vieira de Moraes (PPGE UEG) ¹

Marlene Barbosa de Freitas Reis (PPGE UEG) ²

Resumo: O presente trabalho de pesquisa apresenta proposta de desenvolvimento de estudo acerca do tema da Educação Bilíngue e Interculturalidade em benefício do trabalho da/na e para diversidade (REIS, 2013), na perspectiva de verificar se e como o Bilinguismo tem contribuído para a inclusão das pessoas surdas perante inegável quebra de barreira linguística a qual proporciona inter-relações culturais. O objetivo geral da pesquisa será de compreender a relevância da Educação Bilíngue, contribuições da língua e linguagem, bem como discutir uma educação que se baseia na diversidade humana pautada na Interculturalidade no combate às barreiras comunicacionais enfrentadas pela comunidade surda em prol da inclusão ao promover desenvolvimento identitário e cultural. Para tanto, do ponto de vista metodológico, o estudo pretendido configura-se em uma pesquisa qualitativa bibliográfica. Sendo assim, fundamenta-se em autores que se ocupam dessa temática, tais como Mantoan (2003, 2006); Reis (2013); Gesser (2009); Candau (2008, 2019). Desse modo, torna-se possível afirmar e assegurar o direito à diferença, à diversidade e o encarar da heterogeneidade como fator de crucial relevância na formação do indivíduo como sujeito ativo e consciente da importância de protegermos o direito de ser do próximo. Sendo assim, as possibilidades representadas pela Libras, pelo desenvolvimento da Educação Bilíngue e o assegurar o direito à Interculturalidade lançam mão da constante luta pela superação de limites e barreiras preconceituosas, as quais inibem a dinamicidade do ser humano e de sua formação cultural, social e de sua identidade como sujeito. Espera-se, então, fomentar a reflexão e conscientização de todos os envolvidos na constituição do processo educacional em âmbito escolar, familiar e governamental para a necessidade de uma educação integral que valorize e acolha as diversidades de maneira inclusiva, alavancando o processo de desenvolvimento de pessoas com surdez.

Palavras-chave: Educação Bilíngue. Interculturalidade. Diversidade.

1 Graduada em Pedagogia (2019), pela Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Metropolitano – Unu Inhumas (UEG/Inhumas). Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Metropolitano – Unu Inhumas (UEG/Inhumas). Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG). E-mail: isacris2507@gmail.com.

2 Pós-Doutora em Gestão da Informação e Conhecimento pela Universidade do Porto, Portugal. Doutora em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento pela UFRJ. Pedagoga pela UFG. Atualmente é professora titular da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IEL/UEG/Anápolis) e no curso de Pedagogia da UEG/Câmpus Inhumas. E-mail: marlenebfreis@hotmail.com.



Introdução

Questões relacionadas ao estudo da influência que a cultura possui na prática educacional – principalmente em relação ao desenvolvimento do corpo, expressividade, identidade e formação integral do ser humano naturalmente social – se tornaram um desafio para aqueles que buscam construir uma conceituação acerca da cultura brasileira multifacetada inserida em contexto de Práxis Pedagógica, sobretudo, quando é necessário encararmos esse fato mediante o respeito à diversidade e o prezar pela inclusão. A fim de compreendermos o papel fundamental da língua, da Educação Bilíngue e da Interculturalidade para o surdo em relação a aspectos que ultrapassam a escolaridade e atingem patamares de extrema relevância – ao pensarmos em como o Bilinguismo rompe barreiras preconceituosas e proporciona novas possibilidades, além de impulsionar o desenvolvimento cognitivo, social e identitário – para fundamentar essa pesquisa pretende-se ancorá-la em autores os quais possuem estudos e trabalhos em campos temáticos relacionados ao direito às diferenças, à Educação Inclusiva, à língua, linguagem, à Educação Bilíngue, à formação cultural e identitária do homem social permeada pelo desenvolvimento da língua materna a qual proporciona correlação entre a singularidade moldada perante a pluralidade dos seres. Nesse segmento, Mantoan (2003, 2006); Reis e Lopes (2016); Bagno (2002); Gesser (2009); Candau (2008, 2019); Apple (2006); serão alguns dos suportes teóricos elencados para a realização do trabalho.

Diante disso, é de suma importância compreender o processo de inclusão como um direito e desafio possível. Ao pensarmos em educação dos surdos, a inclusão comunicacional toma proporções que refletem diretamente da formação do indivíduo devido ao fato dela expor a urgência e necessidade da discussão e formulação da questão de qual é a função social da educação na perspectiva da inclusão para formação integral dos indivíduos para prática de alteridade e autonomia não só em âmbito escolar, mas em todos os aspectos de vida social; para, assim, ser possível formar uma sociedade



inclusiva que respeite as diferenças e coloque em prática os pilares fundamentais para uma educação para todos.

Nessa perspectiva, a principal problemática a ser explorada será de qual a relevância de pensarmos uma educação que atenda às necessidades linguísticas específicas pautadas no direito à promoção da Educação Bilíngue voltada às pessoas surdas e ao assegurar do direito à interculturalidade e à diversidade as quais valorizam e prezam pelas diferenças em espaços educacionais. Diante disso, por meio do procedimento metodológico da pesquisa qualitativa de revisão bibliográfica, objetiva-se analisar, compreender desdobramentos e contribuições da língua e linguagem relativas ao Bilinguismo, bem como discutir uma educação que se baseia na diversidade humana pautada na Interculturalidade e, por conseguinte, objetiva desenvolvimento da Educação Inclusiva parte do pressuposto de que as diferenças são fatores enriquecedores.

Nesse sentido, uma educação que busca inclusão em todas as suas facetas deve abarcar a diversidade e trabalhar em favor de erradicar a “indiferença às diferenças” (MANTOAN, 2006, p. 22) que ainda assolam o espaço escolar devido à desvalorização da heterogeneidade e caráter altruísta. Então, para desenvolvimento de uma Educação Inclusiva, a escola deve significar espaço aberto às diferenças, ao novo, à inovação didática, metodológica, pedagógica, entre outros aspectos que representam acolhimento ao fato inegável da multiplicidade da especificidade humana.

Educação Bilíngue e Interculturalidade: uma caminhada à prática de alteridade

Diante da realidade social, econômica e, consequentemente, educacional de caráter egocêntrico da atualidade, o aprofundamento do estudo e pesquisa relacionados à promoção da Educação Inclusiva às pessoas com deficiência auditiva, em específico os surdos, de forma efetiva por meio da Educação Bilíngue e extinção de acontecimentos de preconceito e exclusão tanto em âmbito escolar quanto em vida em sociedade, se tornou problemática emergente nos últimos anos devido à visibilidade que constantes lutas por reconhecimento das pessoas minorizadas obtiveram em prol do reconhecimento do fato inegável da diversidade cultural humana.



Nessa perspectiva, torna-se emergente a necessidade de estudos e pesquisas que busquem homologar a relevância da abordagem educacional Bilingue através de sua conceituação crítica e exploração dos desdobramentos da aquisição e desenvolvimento da linguagem no processo de ensino-aprendizagem, social, cultural e, consequentemente, identitário dos surdos. Assim, percebe-se a magnitude e a complexidade do estudo dos fatores que envolvem a significação linguística dentro do processo de inserção das pessoas com surdez tanto em âmbito escolar quanto social.

Dessa forma, vale ressaltar que o bilinguismo do indivíduo surdo configura-se na co-existência de sua língua materna (Libras) com a Língua Portuguesa grafada; sendo assim, a Educação Bilingue procura quebrar barreiras linguísticas, comunicacionais e pedagógicas que interferem e prejudicam no processo de inclusão e no desenvolvimento educacional e social dos alunos surdos. Desse modo, a reflexão acerca das questões que rodeiam a proposta educacional Bilingue está ancorada não só na garantia legal do direito ao Bilinguismo em ambiente escolar e de um profissional intérprete, mas sim também na necessidade de tornar possível a existência e uso de duas línguas (Libras e Português), reconhecendo-as como parte do programa escolar e, principalmente, como recursos fundamentais para o incluir pedagógico e social dos surdos.

Nessa perspectiva, Mantoan (2003), discorre acerca da inclusão escolar, esclarecendo o que é, a relevância de desenvolvê-la e como aplicá-la. De acordo com a autora, as problemáticas que abarcam e dificultam o processo de inclusão escolar e, consequentemente, social, estão intrinsecamente interligadas ao fato de a sociedade atual ainda ser arcaica em vários aspectos e, assim, exercem rigidez em relação ao lidar com mudanças de paradigmas – mesmo depois de avanços que estão desvelando a diversidade humana e a necessidade de lidarmos com ela na educação para formação de uma sociedade altruísta. Segundo a autora,

A inclusão, portanto, implica mudança desse atual paradigma educacional, para que se encaixe no mapa da educação escolar que estamos retrahando. É inegável que os velhos paradigmas da modernidade estão sendo contestados e que o conhecimento, matéria-prima da educação escolar, está passando por uma reinterpretação. As diferenças culturais, sociais, étnicas, religiosas, de



gênero, enfim, a diversidade humana está sendo cada vez mais desvelada e destacada e é condição imprescindível para se entender como aprendemos e como compreendemos o mundo e a nós mesmos. Nosso modelo educacional mostra há algum tempo sinais de esgotamento, e nesse vazio de idéias, que acompanha a crise paradigmática, é que surge o momento oportuno das transformações. (MANTOAN, 2003, p. 12).

Nesse sentido, as contradições da “guerra intelectual” vivida no cenário educacional brasileiro é resultado da disputa por poder político e econômico que acarretam reflexos curriculares – como o Currículo Oculto, teorizado por Apple (2006, p. 88): “Da mesma forma que há uma distribuição do capital cultural na sociedade, há também a distribuição social de conhecimento nas salas de aula”.

Desse modo, é necessário questionar qual é e deve ser a real finalidade da educação que busca verdadeiramente concretizar a inclusão em suas diversas facetas e o ensino-aprendizagem significativo/representativo. Candau (2019) deixa clara a relevância de pensarmos uma Educação Intercultural e promover práticas pedagógicas que a assegurem; podemos, assim, abstrair a interculturalidade como um processo que valoriza as diferenças, promove diálogo e luta em favor de justiça. Tal educação deve ser pautada na luta contra a hegemonização cultural, expondo a necessidade de extinção da negação velada que permeia a sociedade em geral e perpetuam problemáticas arcaicas e constantes demonstrações de preconceitos. Dessa forma, uma Educação Intercultural concebe as diferenças como fator enriquecedor, cultura e saber como constante construção transpassadas umas pelas outras no desenvolver um trabalho dentre a tensão de igualdade e diferença, ou seja, das diversidades, na promoção do respeito mútuo.

Nessa perspectiva, são necessárias reflexões que discutam acerca dos processos que permeiam o desenvolver da Interculturalidade Crítica na educação. Walsh (2009) explicita alguns aspectos intrínsecos ao fazer educacional correlacionados à construção histórica de nossa sociedade; nessa perspectiva, propõe que o refletir e agir pedagógicos devem estar fundamentados na decolonialidade e na humanização, isto é, no questionar o pré-estabelecido e oportunização do construir pedagógico plural. Aqui, entendemos



Interculturalidade crítica como projeto político, social e ético, a fim de construir uma nova humanidade questionadora.

Para fazermos diferente, fazermos a diferença e reconhece-las como enriquecedoras é necessário que reconheçamos as mazelas da nossa sociedade. Para a promoção de uma Educação Bilíngue e Intercultural é necessário reconhecer o caráter discriminador que tem sido déspota das práticas educativas e de seus alicerces. Acabar com a naturalização do preconceito arraigado e da constante negação de sua existência é de suma importância ao prezar pelo desenvolver de um trabalho que preze pelo desenvolver identitário e humano em sua integralidade. Para propormos uma radicalização que procure erradicar as desigualdades sociais é necessário, primeiramente, formar cidadãos críticos e ativos os quais encontram no espaço educacional o principal fator de sua construção como ser que, consequentemente, reflete na construção coletiva que buscamos ao defendermos o direito de ser e das diferenças.

Estes são componentes imprescindíveis na promoção de processos educativos na perspectiva intercultural crítica. Trata-se de uma tarefa de longo prazo, mas, ao mesmo tempo, pode ser colocada em prática hoje, no nosso contexto educacional específico. Acredito que assim poderemos contribuir para a construção de uma educação e uma sociedade mais igualitárias e democráticas (CANDAU, 2019, p.286).

Refletir sobre Educação Bilíngue e Intercultural requer uma autoanálise: nossas práticas pedagógicas estão sendo promotoras das diferenças, da inclusão e do direito de ser do eu e do próximo ou estão sendo contribuintes da perpetuação do ciclo vicioso de desigualdades e discriminações? Igualdades não se opõem às diferenças, se opõem às desigualdades. Igualdades e diferenças devem ser trabalhadas para resultar em interculturalidade do ser e do saber, como complementares, não apenas para sujeitar falsa sensação de tolerância quando há necessidade de inclusão. Praticar a alteridade como valor humano pressupõe a ideia de que não só devemos conviver com as diferenças, mas também entendê-las e valorizá-las.

Reis e Lopes (2016) fazem uma correlação entre a promoção da diversidade nas práticas escolares, da interculturalidade e a prática de alteridade. Apontam ao fato



inegável do caráter enriquecedor das diferenças quando abraçadas no processo de ensino-aprendizagem e da fundamental interdisciplinaridade para compreensão da relação entre o indivíduo, a sociedade e os conhecimentos. Assim, busca-se uma nova ótica em relação à educação, a qual amplie horizontes e desperte o olhar sensível voltados à prática de promover o singular e o coletivo, de valorizar a existência do próximo em sua integralidade e de se colocar em seu lugar a fim de compreender inúmeros fatores que abarcam a vida humana, então, praticar relacionar-se com alteridade.

Dessa forma, questões educacionais relacionadas à língua, currículo, poder social e prestígio cultural são inseparáveis fazendo com que a área da língua na educação exija ampla análise histórico-cultural e não somente linguística; assim, “[...] levar em conta as funções da linguagem é evidenciar o fato de que a língua não é um fim em si, mas um meio privilegiado de atingir fins mais essenciais para o homem e para a humanidade” (BAGNO; GAGNÉ; STUBBS, 2002, p. 185).

Perante a tal evidência, admitir a Educação Bilíngue, compreender as contribuições e desdobramentos da linguagem no processo de ensino-aprendizagem, na produção cultural e identitária, no reconhecimento do eu e do próximo para posterior estabelecimento da inclusão e da alteridade, reverbera na emergente confirmação de direitos linguísticos das pessoas surdas como fundamentais em aspectos educacionais, sociais, cognitivos e particulares de cada sujeito. Direitos esses baseados no direito à igualdade linguística, à aquisição da linguagem, à aprendizagem, uso, preservação e enriquecimento da língua materna, direito à fazer opções linguísticas, ao tratamento especializado, ao seu reconhecimento como indivíduo bilíngue e de desenvolvimento multicultural (GESSER, 2009). Diante disso, torna-se imprescindível que haja investigação de como a linguagem atua no processo de ensino-aprendizagem para captar os desafios e contribuições proporcionadas pelas diferenças linguísticas na educação dos surdos perante suas especificidades, as quais tornam o Bilinguismo tão valioso e significativo.



Considerações finais

Deste modo, a aceitação do uso da Libras e do desenvolvimento de uma Educação Bilíngue interligados à constituição identitária e cultural do indivíduo surdo, além de possibilitar desenvolvimento educacional qualitativo e representativo e, consequentemente social, significa garantia do direito das pessoas surdas a uma escolarização, na qual suas possibilidades linguísticas e cognitivas sejam desenvolvidas e concretizadas; sendo todo esse processo intermediado, permeado e possibilitado através da Língua de Sinais.

Sendo assim, fica evidente a relevância do estudo e exploração acerca da Educação Bilíngue e da Educação Intercultural Crítica em prol da promoção da inclusão dos surdos em todos os ambientes sociais, pois tal estudo expõe a indissociável formação humanística proporcionada pela língua em seu uso social pleno e o paradoxo identitário cultural ao tratarmos desses fenômenos em uma “intrassociedade”, ou seja, em uma porção social que desenvolveu-se embebida de força para quebrar barreiras preconceituosa por estar inserida numa sociedade ouvinte, mas não plenamente incluída nela. Segundo Candau (2008), uma educação realmente inclusiva deve estar fundamentada na multiplicidade e no multiculturalismo humano; portanto, estudar e promover uma Educação Bilíngue pode ressignificar a representatividade dada a identidade bicultural do surdo, transformá-la em fator de enriquecimento e inclusão, não mais de marginalização de uma em detrimento à outra mediante atitudes errôneas de desvalorização da multiplicidade humana e o não exercício de alteridade.

Referências

APPLE, Michael W. A Economia e o Controle no dia-a-dia da Vida Escolar. In _____: **Ideologia e Currículo**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. (p.81-99).

BAGNO, Marcos; GAGNÉ, Gilles; STUBBS, Michael. **Língua Materna**: letramento, variação & ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (ORG.).



Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CANDAU, Vera Maria. Educação intercultural e Práticas Pedagógicas. In: SILVA, Marco; NASCIMENTO, Cláudio Orlando Costa do; ZEN, Giovana Cristina (Orgs.). **Didática:** abordagens teóricas contemporâneas. Salvador: EDUFABA, 2019. p. 275-288.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?:** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar:** o que é? Por quê? Como fazer?. São Paulo: Moderna, 2003.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér; PRIETO, Rosângela Gavioli; ARANTES, Valéria Amorim. (Org.). **Inclusão escolar:** pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2006.

REIS, Marlene Barbosa de Freitas. **Política pública, diversidade e formação docente:** uma interface possível. 2013. 278f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento, Instituto de Economia, 2013.

REIS, Marlene Barbosa de Freitas; LOPES, Cristiane Rosa. Educação e Diversidade: uma relação de alteridade nas práticas escolares. In: SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; FREITAS, Carla Conti (Orgs.). **Razão sensível e complexidade na formação de professores:** desafios transdisciplinares. Anápolis: Editora UEG, 2016. p. 151-165.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Educação Intercultural na América Latina:** entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 letras, 2009. p. 12-42.